

NA PSICOSE

Resenha: Ma. Cecília L. P. Queiroz Telles

BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, Elisa. "Devastação na Psicose". In: *CLIQUE* – Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. O sexo e seus furos. Nº 2, agosto/2003, p. 45-49

Impasses da subjetivação: Casos em que a experiência da devastação se apresentava como impasse na subjetivação do corpo próprio e na direção do tratamento.

FREUD: no campo da sexualidade feminina

LACAN: na clínica das psicoses e no que tem em comum com a clínica da sexualidade feminina.

O horizonte da sexualidade feminina

Freud (1931), em artigo sobre a sexualidade feminina, abandona qualquer expectativa de paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e o feminino. Debruça-se sobre a fase pré-ediípica do desenvolvimento das meninas, especialmente relacionado à etiologia da histeria.

Em 1932, na Conferência sobre a feminilidade, declina toda a gama de consequências da relação primitiva da menina com a mãe, evocando que o medo de ser assassinada ou envenenada poderá formar o núcleo de uma doença paranoide.

Lacan: destaca a relação mãe-filha como devastadora; e a devastação como uma das modalidades do *Penisneid* apontado por Freud

Para Freud: a devastação é uma das consequências da sexualidade feminina, derivada da inveja do pênis – a mãe é designada como responsável pelo que falta à filha e, supostamente, goza disto. A devastação é correlata do destino do falo materno na menina.

Lacan distingue as categorias da demanda e do desejo e o *Penisneid* é a definição do falo como significação, como unidade de medida do valor libidinal dos objetos, significante do desejo.

Marie Hélène Brousse: a referência à estrutura da linguagem do inconsciente permite apreender a devastação no campo do desejo da mãe. Como o Outro do gozo, ela convoca que seja a fusão impossível, seja a perseguição.

O campo do desejo da mãe comporta, então, uma zona obscura, não saturada pelo *Nome do Pai* e, como tal, sem limite definido.

Trata-se de especificar o tipo de emergência singular da linguagem a cada sujeito. Assim, a devastaç o toca a maneira particular como a linguagem emergiu em um sujeito, constituindo seu corpo.

Os **avanços de Lacan** permitem pensar uma via suplementar   a via f lica: o desejo da m e n o   totalmente saturado pelo significante, havendo nele um gozo desconhecido, feminino. Haveria uma outra face da devastaç o, que n o reenvia inteiramente   demanda e ao desejo f lico, mas a um sem limite em rela o   particularidade da sexualiza o feminina. Devastaç o pode ent o aparecer no ponto do gozo enigm tico percebido na m e, agravado na filha pela aus ncia de limite, devido ao fato de que a castra o, na mulher, est  situada na origem.

Trata-se de saber qual   a especificidade da devastaç o que, ligada a uma transmiss o imposs vel do falo, deixaria um sujeito fora do campo discursivo da neurose.

Refer ncias   Devasta o

Lacan dos anos 1970 – Enfatiza a devasta o provocada na mulher pela rela o com a m e.

Dos anos 50 – aponta os efeitos devastadores da figura paterna, nos casos em que a fun o *Nome do Pai* n o opera como met fora do desejo da m e.

Aproxima o entre esses dois momentos: **o conceito de empuxo- -mulher**, que aponta justamente, o **efeito de feminiza o como consequ ncia da forclus o do Nome do Pai**.

Lacan – 1975, nas Confer ncias norte-americanas – acentua a **rela o entre devasta o e a incid ncia da linguagem no ser falante**.

J. A. Miller – precisar  o fen meno da devasta o em fun o da estrutura do n o-todo, da rela o com o Outro como marcado pela falta. **Podemos pensar essa estrutura a partir do lado feminino das f rmulas da sexualiza o, tal como Lacan as apresentou no Sem. 20- Mais, ainda.:**

Temos, **do lado masculino, a exce o paterna**: existe um **x** para o qual a castra o n o opera. **Fx** indica que **x**   marcado pelo falo e, portanto, castrado. Existe um **x** que faz exce o   castra o, fun o do pai, que faz valer a regra: todo **x** est  marcado pelo falo, pela castra o. O conjunto dos homens   um conjunto fechado, justamente porque um faz a  exce o.

Do lado feminino, temos uma nega o da exce o paterna. Se n o h  exce o, o conjunto das mulheres n o   um conjunto fechado. O n o-todo n o   um todo amputado de uma de suas partes, mas significa que n o se pode formar o todo, que   inconsistente, diz Miller. O *falasser* feminino n o est  todo inscrito na fun o f lica, ou seja, as mulheres s o marcadas pelo falo, passam pela castra o, de in cio, mas, por isso mesmo, h  algo do seu gozo que ultrapassa o gozo limitado pelo falo.

Assim, **J. A. Miller define a devastação como o retorno ao falasser feminino, do infinito da demanda de amor, em função do não-todo que a caracteriza como excedendo à função fálica.**

Do lado feminino da sexuação, o sintoma é marcado pelo infinito da estrutura do não-todo e, por isso, toma a forma de devastação. A devastação é uma depredação que se estende a tudo, que não conhece limites e é em função dessa estrutura que o Outro pode ser o parceiro-devastação, mas pode também ser o modo como acontece o arrebatamento para uma mulher.

A palavra *ravage* (devastação) tem a mesma raiz (*ravir*) da palavra *ravissement* (arrebatamento). *Ravir* significa raptar, arrebatado, transportar mediante força e é também um termo da mística, que significa levar ao êxtase. Arrebatado é levar a um estado de felicidade suprema e tem, por isso, um valor erotômico. Temos, portanto, **no horizonte da erotomania, no melhor dos casos, o arrebatamento; e, no pior, a devastação.**

Tanto o arrebatamento quanto a devastação provêm da falta de um significante para nomear algo para a mulher. O fato de a castração estar na origem para ela contrasta com o fato de que o Outro não tem como nomear seu ser de mulher. Há uma tendência estrutural, nas mulheres, para a devastação e/ou para o arrebatamento.

Se, na neurose, a operação da metáfora paterna institui a significação fálica e deixa uma mulher a desejar, no caso da *forclusão* do *Nome-do-Pai*, no lugar do ponto de estofo que não há, temos a redução do sujeito ao seu ser de objeto para o Outro. No *empuxo-à-mulher*, há a identificação com o significante d'*Amulher*.

Assim, às mulheres “loucas”, não-todas, situáveis no campo da histeria feminina, podemos opor a figura da mulher que encontra O homem na psicose, figura do *empuxo-à-mulher* que pretende fazer existir a relação sexual.

A mulher 100% feminina

Relato de um caso de devastação na psicose. Um paciente de 38 anos, tendo perdido seu corpo, tenta construir dispositivos para recuperá-lo. Inicialmente, seu conflito decorre dos contrastes e opostos que constituem o mundo. Dentre os pares opostos, um dos que mais o ocupam é o masculino/feminino. Revela seu lado feminino presente nas suas fantasias masturbatórias.

Acometido pela idéia de “como seria ser mulher”, entra num estado de ansiedade cuja pacificação só pode ser obtida através de uma fantasia de transformação: transforma-se numa mulher, da qual retira qualquer característica fálica, 100% feminina, 100% submissa a um homem, que é seduzida e subjugada ao ser penetrada por ele e tendo, assim, um gozo total. O homem é totalmente viril, um garanhão, forte másculo 100% masculino (*empuxo-à mulher*).

Essa fantasia não o impede de ter que se haver com a realidade: precisa **sustentar uma imagem masculina**, pois já descartou a hipótese de ser homossexual – precisa ser viril, um garanhão, mulherengo. É dependente da mãe, não pode namorar, casar, ter filhos. A palavra mãe é soberana. Quando consegue se relacionar com uma mulher, ela é dominadora agressiva, problemática. Fica ansioso, passa a beber, fica agressivo em casa. A cena da fantasia se sustenta no olhar do homem que o reconhece e o deseja como uma mulher. **No entanto, se o olhar do homem, na fantasia, lhe dá acesso ao corpo feminino diante do olhar social, vê-se demandado no lugar do homem viril de sua fantasia.** Na questão profissional, como músico, sua dificuldade em investir nessa carreira é o medo da fama. **Teme o olhar das pessoas** Esse **olhar devastador** é o mesmo que encontra nos ônibus, nos contatos sociais, no local de tratamento: um olhar que espera dele a perfeição. Sob a pressão de agradar o Outro, vê-se sob forte pressão que acaba por arrancá-lo de seu corpo: uma forte sensação de opressão, de morte, vem de dentro e invade seu corpo, deixando-o aprisionado paralisado. À experiência do arrebatamento, conseguida através da transformação em mulher, podemos opor então a experiência da devastação, em que vive um aprisionamento moral: **o ser abandona o corpo que, vazio, é apenas “carne e osso com um coração que pulsa, uma máquina de respirar.”**

Origem do problema: no jardim da infância – os garotos se juntavam para lhe bater: via prazer nos colegas e seu corpo “como uma carne”, apanhando, sentindo-se fora dele.

Determinante na sua fantasia – por volta de 7/8 anos, foi estuprado pelo porteiro de seu prédio, que fez sexo anal com ele. Sentiu-se arrancado de seu corpo, submetido a forte pressão, paralisado, não conseguindo se mover, nem respirar. Seu corpo perdido é o que tenta recuperar na fantasia de transformação em mulher, quando consente ao gozo na relação com o homem viril. Só no gozo dessa fantasia fica em paz, pois não se sente à mercê do Outro devastador. Esse sentimento de gozo pacificador não resolve para ele a questão do semblante que precisa sustentar socialmente: cada vez que se aproxima de uma mulher, sente-se em perigo. Ou, cada vez que se coloca sob o olhar do Outro, o sentimento de opressão retorna. A dificuldade de se sustentar diante do desejo de uma mulher relaciona-se a sua posição diante do desejo da mãe. No relato de sua mãe, o nascimento do filho significava para ela o risco de sua morte – era “ou ele, ou eu”. Seu pai é considerado omissivo, vagabundo, e tratava os filhos com violência. Oscila entre a agressividade e uma discreta erotomania. Acha que a solução é ter uma identidade profissional, mas encontra aí um impasse: para ser músico, tem que se defrontar com o olhar do Outro que é, para ele, devastador. Ensaia ser porteiro, identificando-se com o Outro gozador, o que também não sustenta. O manejo da transferência é delicado, consequência do efeito nefasto do olhar do Outro sobre ele – dificuldades em criar laço social no hospital-dia, onde faz tratamento.

Se a devastação começa onde o semblante fracassa, trata-se de criar, através do tratamento alguns semblantes que possam se sustentar, contra a devastação. Entre o corpo que se reduz à carne ou à máquina e os 100% de gozo da relação sexual, entre a devastação e o arrebatamento, trata-se de ajudar o sujeito a encontrar um modo possível de se sustentar no mundo.

